ELES SÃO DO TEMPO EM QUE...

Arquivo/DEPHA

Os morros ao redor de Brasília foram implodidos, com dinamites, para a extração de pedras que dariam sustentação às obras da nova capital

Arquivo/DEPHA

A terra dos goianos, chacareiros nativos da região, foi invadida pelos trabalhadores que construíam a Barragem e a Usina Hidrelétrica do Paranoá

Arquivo Público do DF

Para virar candango, não era preciso ter carteira de trabalho ou experiência profissional. Bastava disposição para uma jornada diária de quase 24h

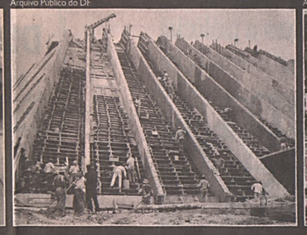
Arquivo CB

À exceção do ônibus lotado que levava os candangos à Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, os caminhões das construtoras eram o único meio de transporte

Arquivo Público do DF

Centenas de operários faziam todas as refeições em pleno canteiro de obras, às vezes em pé, para que a capital de Juscelino ficasse pronta em dois anos

Arquivo Público do DF



Os homens se escoravam em vigas de madeira e ferro para chegar ao topo das modernas obras da nova capital, sem dispor de equipamentos de segurança

Antonio/CB/4.12.1972

Como não havia casas de alvenaria nos alojamentos que abrigavam funcionários e familiares, toda a comunidade se unia para impedir a propagação de incêndios

Tadashi Nakagami/CB/6.11.1978

Os candangos dos alojamentos da Vila Planalto freqüentavam a igrejinha de madeira — Paróquia de Nossa Senhora da Pompéia —, incendiada em 2000

ELES RECONTAM A HISTÓRIA

ANA HELENA PAIXÃO
DA EQUIPE DO CORREIO

Existe uma Brasília que não aparece nos livros de história nem em acervos de bibliotecas. É mantida viva na memória de homens e mulheres que desbravaram o cerrado para construir uma nova capital. Num abrir e fechar de olhos, os candangos reavivam as lembranças de uma terra hoje desconhecida. Vêem, sob as águas do Lago Paranoá, uma mina d'água forrada de cristais; em toda a extensão da Asa Norte, um cerradão habitado por veados, siriemas, capivaras e antas; nas vilas históricas, acampamentos de operários...

A história oral de Brasília foi praticamente ignorada pelo meio acadêmico durante 27 anos. Estava restrita às lembranças de quem viveu os primeiros dias da capital e aos vizinhos, parentes e amigos que ouviram seus relatos. Memórias por vezes desacreditadas, tidas como devaneios de anciões, mas que, desde 1987, têm sido pesquisadas por professores e alunos do Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória (Necoim) da Universidade de Brasília.

Historiadores, psicólogos, antropólogos, arquitetos, comunicadores e até atores se dispõem a entrevistar pioneiros, coletar fotos, documentos e publicações antigas. Tudo para reconstruir a versão popular dos processos de ocupação, urbanização e desenvolvimento das várias regiões do país.

"Não ignoramos a história oficial, mas acrescentamos fatos novos, baseados em versões que levem em conta a cultura, a sensibilidade e o sentimento de quem participou do processo estudado", explica a professora Teresa Paiva Chaves, que coordenará o núcleo nos próximos dois anos. "Até a semana passada, pesquisávamos Distrito Federal e Centro-Oeste. Agora abriremos a outras regiões e vamos organizar o acervo, para permitir consultas da comunidade", adianta.

Acervo

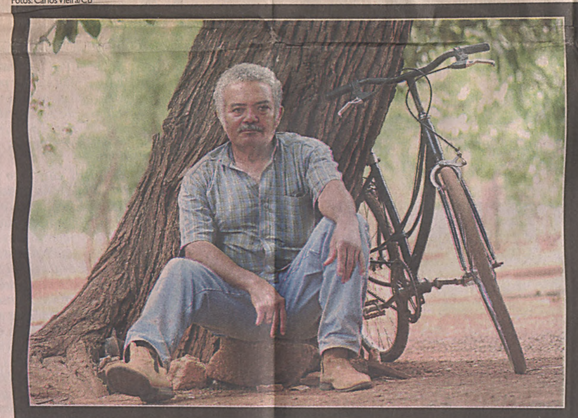
Informações sobre oficinas e cursos de extensão ministrados pelo Necoim, além do acervo existente: 307-2938/2922 ou necoim@unb.br

Nada mais justo. Em duas salas apertadas, o Necoim mantém um tesouro hoje disponível apenas a pesquisadores e estudantes. Quase duas décadas de trabalho minucioso transmutaram-se ali em dezenas de livros e artigos publicados, 1,6 mil fotografias, 52 horas de entrevistas e imagens em vídeo e outras 140 horas de entrevistas em fitas-cassete. A maior parte do acervo diz respeito à construção de Brasília e à formação das cidades do DF. "A idéia é não deixar essa história morrer com seus personagens", afirma Teresa.

Na semana passada, o Correio mergulhou nas compilações do Necoim e foi em busca de pioneiros anônimos para reconstituir parte da história oral do povo candango. A seguir, os relatos de quem guarda as lembranças de uma Brasília muito diferente da moderna capital.

PROFESSORES E ALUNOS DA UnB ENTREVISTAM PIONEIROS E PESQUISAM DOCUMENTOS PARA RECONSTRUIR A FORMAÇÃO DE BRASÍLIA

Fotos: Carlos Vieira/CB



O MISTÉRIO DA COBIÇADA MINA DOS CRISTAIS

Já se vão 46 anos que o paraibano Antônio Amâncio Filho viu o cerradão que daria lugar a Brasília pela primeira vez. Ele chegou aqui em 1958, transferido do Rio de Janeiro pela Construtora Nacional. Desde então, ele carrega o apelido com o qual se apresenta: "Prazer, *Cabeça*". Nas mãos do homem de 69 anos, os calos de quem ajudou a construir monumentos como o Palácio da Alvorada e o Congresso Nacional. Também as marcas do trabalho de agricultor, com o qual ainda se sustenta, e as que ganhou ao desvendar os segredos da terra que chama de lar.

"Foi do topo das árvores, no cerradão que era a Asa Norte, que vi Brasília inteira. Nos dias de folga, a gente caçava veado-campeiro, siriema, anta, capivara, desde o quintal do Palácio da Alvorada até o Varjão", lembra ele, depois de escalar, com agilidade de menino, uma árvore já morta. E foi percorrendo a região, com os jovens colegas de obras, que *Cabeça* descobriu a Mina dos Cristais.

Não há referência histórica desse local. Mas outros pioneiros e antigos funcionários da Usina do Paranoá confirmam sua existência. Segundo os relatos, era uma nascente de águas límpidas e profundas, hoje oculta pelo Lago Paranoá, entre o late Clube e o Batalhão dos Fuzileiros Navais, no Setor de Clubes Norte. Quando o sol batia no espelho d'água, avistavam-se as pontas dos cristais de quartzo existentes no fundo.

"A gente brincava de pular de uma árvore bem alta para pegar os cristais. Mas o jato d'água era tão forte que nos empurrava de volta para cima, mesmo quando a gente amarrava saco de areia nas costas para afundar", diz *Cabeça*, em tom divertido. "Nunca ninguém conseguiu pegar os cristais." Mas não faltou quem tentasse. "Os americanos, que tocavam algumas obras e conheciam bem a região, queriam os cristais. Por isso, o presidente Juscelino (*Kubitscheck*) os afastou de Brasília", conta o pioneiro.

Para que ninguém mais tentasse se apoderar do tesouro, o presidente teria mandado jogar concreto sobre a mina. "Você não sabe onde fica a mina porque não olha. Basta passar na pista em frente ao local para ver as pontas dos blocos de concreto, saindo d'água", garante *Cabeça*. "Quem mergulha consegue ver os blocos inteiros. Embaixo deles, estão os cristais."

> **FOI DO TOPO DAS ÁRVORES QUE VI BRASÍLIA INTEIRA**
> *Antônio Amâncio Filho, agricultor*

CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DIVIDE AS FAMÍLIAS

No início, era a vastidão do cerrado, o barulho do mato e os goianos — nativos da região que daria lugar à nova capital do Brasil. Uma mesma família, dividida em dois ramos, se espalhava pela Fazenda Paranoá: imensa terra que ia de Sobradinho à São Sebastião. De um lado do vale do Rio Paranoá estavam os Rufino. De outro, os Souza e Silva. Eram eles os senhores absolutos do lugar.

Pelo menos, na versão do agricultor Leir Rufino de Souza, 59 anos. "A gente vivia em festa, usava carro de boi, criava os bichos soltos, não erguia cercas e estudava quando vinha professora de Planaltina", lembra. Mas tudo começou a mudar em 1958, pouco depois da *parentada* ouvir falar que uma cidade seria erguida na região. "Achamos que isso seria depois da nossa morte. Mas, de repente, apareceu um monte de homem estranho por aqui."

Eram os operários que chegavam para construir a Usina Hidrelétrica e a Barragem do Paranoá. Os nativos não entendiam por que os estranhos roubavam gado, galinhas e entravam pelos fundos do lote — as visitas usavam a porteira principal. Mas o pior ainda estava por vir. "Vivíamos no silêncio, na tranqüilidade. De repente, começaram a explodir as pedras com dinamite para fazer a barragem. Um barulho horrível, voava pedra longe", conta, ainda com o olhar assustado, a prima de Leir, Carmelita Alves — à época, menina de 10 anos.

Os intrusos passaram a viver na região, em acampamentos das construtoras e loteamentos como a Vila Piauí, formada numa área do atual setor Altiplano Leste. Estabeleceu-se, assim, uma convivência forçada entre candangos e goianos. "Tivemos que nos acostumar. Eles compravam comida da gente. Com 16 anos, disse que tinha 18 e fui trabalhar na obra da Usina. Com isso, fiz amizade. Muitos peões casaram com nossas parentes ou são nossos compadres", revela Leir. O homem que assentou as pedras que voavam pelo seu quintal no leito do Rio Paranoá, para que a água não inundasse a Usina da CEB, lamenta apenas a dispersão das famílias provocada pelas obras na região.

Os Rufino Souza e Silva estão hoje espalhados por Sobradinho, Taguatinga, Gama, São Sebastião e Paranoá, onde a maioria ganhou lote na década de 90, quando a Vila Paranoá foi transferida e virou cidade. "Com Brasília, desapareceu a cachoeira que tínhamos no quintal, a caça, a pesca e os parentes. Mas aprendemos muito e meus filhos tiveram a oportunidade de estudar mais do que eu", dia Leir.

> **A GENTE VIVIA EM FESTA E NÃO ERGUIA CERCAS**
> *Leir Rufino, agricultor*

EMPRESA CHEGOU A TER TRÊS MIL FUNCIONÁRIOS

O maior comércio da Vila Planalto é o Armazém do Geraldo, fincado no coração da cidade dos pioneiros desde 1958. No começo, não passava de um pequeno barraco de 4m X 5m, criado pela construtora Rabelo para oferecer um pouco mais do que as refeições no canteiro de obras.

"Era preciso vender alguma coisa para os trabalhadores que erguiam o Palácio da Alvorada. Eu saí do almoxarifado para tomar conta do armazém", conta o comerciante mineiro Geraldo Rezende de Carvalho, 72 anos. Ele deixou Rio Preto (MG) para arriscar a sorte na nova capital em janeiro de 1957, quando ouviu na Voz do Brasil a notícia da construção de Brasília. Ao chegar, procurou os conterrâneos da Rabelo, às margens do córrego que passava onde hoje é a Ponte das Garças, e pediu emprego.

"Não tinha experiência nem carteira de trabalho, mas o chefe disse: 'Se a gente não fichar quem aparece, a capital do Juscelino nunca vai ficar pronta'. Tava empregado", lembra. Assim, aos 24 anos, ele virou o funcionário nº 50 da construtora que chegou a ter três mil homens na folha de pagamento. Era o mais conhecido de todos. "Ficava 24h por dia à disposição da empresa. As obras não paravam." No começo, o armazém atendia apenas os funcionários da Rabelo — os pedidos eram anotados numa caderneta e a empresa descontava do salário. "Depois, passamos a vender para todo mundo."

O comércio ficava ao lado da cerca de arame que separava os acampamentos da Rabelo e da Pacheco Fernandes. No carnaval de 1959, operários da Pacheco invadiram o alojamento da Rabelo para fugir dos tiros disparados pela polícia contra peões que reclamavam da comida. "Foi um dia triste. Se eles não tivessem vindo pra cá, muita gente teria morrido."

Em 1961, quando assumiu o presidente Jânio Quadros, as obras da nova capital foram praticamente abandonadas. Parte do governo queria retransferir a capital para o Rio de Janeiro. Os mineiros da Rabelo, amigos pessoais de JK, começaram a sair da cidade. "Venderam os produtos, mas pediram à Novacap, que era dona do barracão, para que eu ficasse com o espaço e as prateleiras vazias", conta Geraldo, que se tornou proprietário do armazém e um dos comerciantes mais prósperos e queridos da Vila Planalto. "A data de minha baixa na Rabelo é a mesma da saída de JK do governo: 31 de janeiro de 1961. Exatamente quatro anos e oito dias depois da minha admissão, tinha o meu negócio."

> **QUATRO ANOS E OITO DIAS DEPOIS, TINHA O MEU NEGÓCIO"**
> *Geraldo Rezende de Carvalho, comerciante*

MINEIRA AJUDOU PRIMEIRO BEBÊ A VER A LUZ

Quando montaram o primeiro canteiro de obras da nova capital, os 12.823 homens que aqui chegaram não receberam permissão para trazer mulheres e filhos. Mas a ordem foi solenemente ignorada pela mineira Caetana do Amaral Braga (*foto*). Ela arrumou os seis filhos e migrou de Itajubá (MG) para o Planalto Central quando o marido foi chamado pela construtora Rabelo para erguer o Palácio da Alvorada. Era junho de 1957.

"A gente não pôde ficar no alojamento da Rabelo. Então fomos para a Cascalheira 4, que é aquele morro da Ermida Dom Bosco", lembra a filha de criação mais velha de Caetana, Aldeir Pereira da Silva, a *Dadá*, 56 anos. A cascalheira era um povoado com dez barracos, mas representou um mundo novo para a menina de 9 anos. "Era uma festa. Lá em cima, passava o córrego São Bartolomeu. A gente tirava água para beber e lavava roupa nele. A brincadeira era nadar atrás da roupa e do sabão que a água levava."

Da mata ao redor do povoado vinham as flores que coloriam as janelas das casas de branco e vermelho. E o contato com animais como gambás, tatus, siriemas, macacos e cobras. "A gente só evitava sair em noite de lua cheia por conta dos lobos que rondavam as casas."

As crianças também trabalhavam, equilibrando sobre as cabeças tabuleiros onde a mãe arrumava doces e lingüiças que fabricava. Os filhos mais velhos venciam a pé a distância entre a Ermida e o quintal do Alvorada para vender os produtos a fregueses que incluíam o diretor da Novacap, Israel Pinheiro, e o presidente Juscelino Kubitschek. Não por acaso, coube a Caetana fazer o bolo em comemoração ao primeiro ano de labuta em Brasília.

Com tanto trabalho, a família migrou, entre 1958 e 1959, para o quintal do Palácio da Alvorada: a Vila Amaury. Ali, a pioneira virou cozinheira da construtora Rabelo e abriu o Café Pouso Alegre. Mas é do povoado que Caetana guarda a imagem mais triste daquela época: o barraco sendo invadido por sapos, perereca e cobras de duas cabeças, quando o Lago Paranoá começou a encher. Com isso, os Braga foram para o Guará e, por fim, para a Vila Planalto.

Caetana Braga teve dez filhos e 68 netos. Fez o parto da primeira criança nascida em Brasília e de outras 199. Sua casa era a sede das grandes festas na Vila Planalto. Mas hoje, toda a sua memória está no relato dos filhos mais velhos e no acervo do núcleo de estudos da UnB. Aos 82 anos, depois de três isquemias cerebrais, anda com auxílio dos parentes e fala pouco. Mas continua recebendo as visitas com seus olhos brilhantes.

> **"A GENTE EVITAVA SAIR NA LUA CHEIA POR CONTA DOS LOBOS"**
> *Dadá, filha de Caetana Braga*